



A Liahona

A PRIMEIRA PRESIDENCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
CONSELHO
DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

COMITE DE
SUPERVISAO
M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier

George P. Lee
EXECUTIVO DO
INTERNATIONAL
MAGAZINE

M. Russell Ballard
Editor;
Larry Hiller,
Editor Gerente;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Connie Wilcox
Seção Infantil
Roger Gylling,
Desenhista

EXECUTIVO DE

«A LIAHONA»
Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;

Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

Maio 1980 PBMA045APO
São Paulo, Brasil

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 1 Mensagem da Primeira Presidência,
Oração, Presidente Spencer W. Kimball
- 7 **Por Que, Como, e Como não Delegar**, William G. Dyer
- 11 **As Muitas Vozes**, Robert R. Bohn
- 14 **Sua Paciência Foi Recompensada**, Elissa J. Poulsen
- 16 **Os Selos Desperdiçados**, Lorna Burnett
- 18 **"É Esta, Fale Com Ela!"**, Bruce C. Hafen
- 20 **As Pessoas Ali do Fim da Rua**, O. Morrell Clark
- 21 **Com Humildade, Honra e Dignidade**, D. Arthur Haycock
- 22 **Um Sacerdócio de Preparação**, Boyd K. Packer
- 26 **Um Presente dos Recém-Casados**, Eugene A. Caputo
- 28 **Mudança na Direção Certa**, Babzanne Park
- 30 **A Escolha de Prioridades Eternas**, Victor L. Brown

SEÇÃO INFANTIL

- 1 **Só Para Divertir**
- 2 **O Salvador Os Ama**, Presidente Spencer W. Kimball
- 4 **O Golfinho Faz-de-Tudo**, Joan Andre Moore
- 7 **O Acolchoado de Penas**, Dorothy S. Anderson

Notícias Locais

- I **Mórmons Doam Medicamentos**
- I **Novo Conselheiro do Templo de S. Paulo**
- II **O Que Fazer Quando a Água Acaba**
- VII **A Minha Mãe**
- VIII **Conferência dos Jovens da Estaca Curitiba Sul**
- VIII **Craque do Mengo Fala aos Mórmons**

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 50,00; para o exterior simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 5,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suco e tonganês. Composta pela Linoletter, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes R. Peribeubui, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Red. e Adm., Av. Prof. Fco. Morato, 2430-A, CEP 05512, tel: PABX 814-2277.



ORAÇÃO

Presidente Spencer W. Kimball

As escrituras dizem: “Instruí ao menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele.” (Prov. 22:6.) E mais: “Para onde se inclinar o rebento, se inclinará a árvore.” É óbvio que, se a juventude estabelecer hábitos corretos de pensamento e ação, evitar-se-ão armadilhas e se desenvolverá uma geração grande e poderosa.

Por que devemos orar? Por sermos filhos e filhas de nosso Pai Celestial, de quem dependemos para tudo o que gozamos — nossos alimentos e roupas, nossa saúde e a própria vida, nossa visão e audição, nossa voz e a capacidade de nos locomovermos, e até mesmo nosso cérebro.

No entanto, vejo que muitos deixam de orar. Nosso Pai Celestial, que é todo sábio ordena que o façamos: “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.” (Tiago 1:5.)

Certo jovem, no início de sua juventude, tinha falta de sabedoria, mas não de fé ou sinceridade. Sua oração abriu um céu fechado e um mundo confuso a uma inquirição. Naquele dia, um bosque comum tornou-se santificado; resplandeceu em glória. As árvores fizeram-se sagradas e o solo transformou-se em terra santa.

O Senhor nos deu este solene mandamento: “Quem não observar, no devido tempo, as suas orações perante o Senhor, que seja lembrado diante do juiz de meu povo”, (D&C 68:33.) “E eles também ensinarão suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor.” (D&C 68:28.) “E outra vez, te ordeno que deverás orar, tanto oralmente como em teu coração; sim, tanto diante do mundo como em segredo; em público como em privado”. (D&C 19:28.)

Quando devemos orar? A resposta: orai sempre. Mas, para ser mais especifi-



co, a Igreja recomenda que haja oração familiar com todos ou tantos membros da família presentes quanto possível. Essas orações não precisam ser compridas, especialmente se as criancinhas estiverem de joelhos. Todos os membros da família, inclusive os pequeninos, devem ter oportunidade de fazer oração, em rodízio.

Devemos exprimir gratidão pelas bênçãos recebidas. A obra missionária que tudo abrange deve ser assunto de nossas orações. Quando uma criança ora durante toda sua vida pelos missionários, será um bom missionário. Oramos por compreensão, sabedoria, juízo. Oramos pelos entes queridos, pelos doentes e necessitados. Oramos pelos frustrados, perturbados e pecaminosos. Essas orações são em grande parte genéricas.

Nossas orações pessoais são mais específicas. Enquadram-se em, pelo menos, duas categorias. Existem as orações formais, em que nos ajoelhamos regularmente. Nestas falamos com o Senhor mais intimamente. Oramos por algumas das mesmas coisas que em nossas orações familiares, mas principalmente por nossas necessidades imediatas e prementes. Expressamos nossos pensamentos mais íntimos. Confessamos nossas fraquezas. Rogamos ajuda para sobrepujarmos nossas transgressões e pensamentos maléficos, e perdão para eles. Desnudamos nossa alma.

Será que alguém pode ter um inimigo por muito tempo ou continuar a odiar alguém por quem ora? É aqui que ele se despoja de toda pretensão, fingimento, artifício. Posta-se diante de seu Criador como realmente é, sem afetação ou subterfúgios.

Existem as orações pessoais, que não têm tanta formalidade. Há sempre, em nosso coração, uma prece: para que possamos fazer o melhor possível, para que possamos apresentar-nos bem, para que nos lembremos das coisas que aprendemos. Oramos ao nos levantarmos para falar, ao andar, ao dirigir. Lembramo-nos

de nossos amigos e de nossos inimigos. Oramos solicitando sabedoria e julgamento. Oramos por proteção em locais perigosos e por força em momentos de tentação. Expressamos orações momentâneas em palavras e pensamentos, em voz alta ou no mais profundo silêncio. Será que alguém consegue agir mal, quando tem orações honestas em seu coração e em seus lábios?

A maioria de nós precisa tomar grandes decisões. O Senhor forneceu-nos um meio de obtermos essas respostas. Se a pergunta for qual a escola, que ocupação, onde viver, com quem se casar, ou outras interrogações de igual importância, vocês devem fazer todo o possível para responder. Com muita frequência, nós queremos como Oliver Cowdery, nossas respostas sem esforço. O Senhor lhe disse:

“Eis que não compreendeste; tu supueste que eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir.

“Mas, eis que eu te digo, deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de saber, assim, que é certo.

“Mas, se não for correto, não sentirás isso, mas terá um estupor de pensamento.” (D&C 9:7-9.)

O Senhor realmente responde às nossas orações, mas, às vezes não somos suficientemente sensíveis para saber quando e de que modo são respondidas. Queremos a “escrita na parede”, ou que um anjo fale ou ouvir uma voz celestial. Com frequência, nossos pedidos são tão absurdos, que o Senhor até disse: “Não brinques com estas coisas; não peças o que não deves pedir.” (D&C 8:10.)

A fé deve ser acompanhada de obras. Como seria fútil pedir ao Senhor que nos dê conhecimento; mas ele nos ajudará a obtê-lo, a estudar de maneira construtiva, a pensar claramente e a reter coisas que tivermos aprendido. Como é tolo pedir ao

Senhor que nos proteja, se dirigirmos desnecessariamente em velocidade excessiva, se comermos ou bebermos elementos destrutivos. Poderemos pedir-lhe que nos proporcione as coisas materiais, se não fizermos esforços? “A fé, sem as obras é morta.” (Tiago 2:20.)

Vocês, que oram às vezes, por que não orar mais regularmente, com mais frequência e devoção? Será que o tempo é tão precioso, a vida tão curta, tão insuficiente a fé?

Como é que vocês oram? Como publicanos ou indivíduos arrogantes? (Vide Lucas 18:11-13.)

Quando fazem suas orações secretas, apresentam-se com a alma nua, ou vestem-se em roupagens elegantes e pressionam a Deus, para que veja suas virtudes? Vocês acentuam sua bondade e encobrem seus pecados com um manto de pretensão? Ou imploram misericórdia das mãos de uma Bondosa Providência?

Vocês obtêm respostas para suas orações? Se não, talvez não estejam pagando o preço. Oferecem algumas palavras banais e frases batidas, ou falam intimamente com o Senhor? Oram às vezes, quando deveriam orar com regularidade, com frequência, constantemente?

Quando vocês oram, simplesmente falam, ou também escutam? O Salvador disse: “Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.” (Apo. 3:20.)

A promessa é feita a todos. Não existe discriminação, não há alguns privilegiados. Mas o Senhor não prometeu arrebentar a porta. Ele chega e bate. Se não ouvirmos, ele não ceará conosco, nem dará resposta a nossas orações. Vocês sabem como ouvir, compreender, interpretar, entender? O Senhor continua batendo. Nunca recua. Mas jamais se impingirá a nós. Se nos afastarmos, seremos nós que nos afastamos e não o Senhor. E se alguma vez deixarmos de obter resposta para



nossas orações, precisamos avaliar nossa vida à procura de uma razão. Falhamos em fazer o que deveríamos ter feito ou fizemos alguma coisa que não deveríamos. Embotamos nossos ouvidos ou debilitamos nossa visão.

Certo jovem me perguntou: "As vezes, sinto-me tão próximo de meu Pai Celestial e uma influência doce e espiritual; por que não posso consegui-la durante todo o tempo?" E eu lhe respondi: "A resposta está em você, não no Senhor, pois ele continua batendo, ansioso por entrar."

Se você perdeu aquele espírito de paz e aceitação, deve esforçar-se para recapturá-lo e retê-lo. Você está ouvindo? Consegue ouvir, ver e sentir? Ou às vezes se assemelha aos irmãos de Néfi, a quem ele disse: "Haveis ouvido sua voz de quando em quando... porém havíeis per-

O Senhor realmente responde às nossas orações, mas, às vezes não somos suficientemente sensíveis para saber quando e de que modo são respondidas. Queremos a "escrita na parede", ou que um anjo fale, ou ouvir uma voz celestial.

dido a sensibilidade, de modo que não pudesstes perceber suas palavras." (1 Né. 17:45.)

Quando nos afastamos do Senhor, parece que se desenvolve sobre nós uma camada de mundanismo. Pode ser como a camada de graxa espalhada sobre o corpo do nadador, quando vai cruzar o Canal da Mancha. Ela tapa os poros e cobre a pele, de modo que haja menor penetração do frio. Porém, quando perfuramos a concha e penetramos no envólucro e nos humilhamos com a alma nua e súplica

sincera e vida purificada, nossas orações são respondidas. Podemos alcançar o ponto a que Pedro chegou, e ser, como ele, “participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo”. (Vide II Ped. 1:4, 9.)

Vocês agradecem ou simplesmente pedem graças? Ou serão como os leprosos encontrados ao longo do caminho? (Vide Lucas 17:12-13.)

Em nossas orações públicas, não devemos ser como os fariseus ou hipócritas que gostavam de orar nas sinagogas e nas esquinas para que pudessem ser vistos pelos homens. (Vide Mat. 6:5.)

Todos temos uma grande obrigação para com nosso Senhor. Nenhum de nós alcançou a perfeição. Nenhum de nós está livre de erro. É necessário que oremos, nós, todos os homens, da mesma forma como precisamos da castidade, da observância do dia santificado, do dízimo, viver a Palavra de Sabedoria, freqüentar as reuniões e nos casarmos para a eternidade. Da mesma forma como qualquer outro, este é um mandamento do Senhor.

Aqueles que desejam amortizar com centavos seu débito insondável, lembrem-se de Enos, que, como muitos de nós, tinha grande necessidade. Como muitos filhos de boa família, ele se afastou. Qual a gravidade de seus pecados, eu não sei, mas devem ter sido hediondos, pois diz: “E relatar-vos-ei a luta que tive perante Deus, antes de receber o perdão de meus pecados.” O relato é vívido, suas palavras impressionantes.

“Eis que saí para caçar animais nas florestas.”

Mas não consegui abater nem capturar animal algum. Estava trilhando um caminho que nunca passara antes. Procurava, batia, pedia, rogava; estava nascendo de novo. Vislumbrava os vales verdejantes além dos ermos estêreis. Estava perscrutando sua alma. Vivera a existência toda num pedaço de terra cheio de mato, mas

agora buscava um aprazível jardim. Continuava ele: “E as palavras que freqüentemente havia ouvido de meu pai sobre a vida eterna e a alegria dos santos, penetraram profundamente em meu coração.”

A lembrança era tanto bondosa quanto cruel. Os quadros pintados por seu pai agora agitavam sua alma. Então, a memória abriu as portas de seu passado horrendo. Sua alma revoltou-se com o realce das coisas desprezíveis, mas agora ansiava pelo melhor. Processava-se um renascimento. Era doloroso, mas compensador.

“E minha alma ficou faminta.”

O espírito de arrependimento estava tomando conta. Tinha remorso de suas transgressões, sentia-se ansioso de enterrar o velho homem pecador, para ressurgir como novo homem de fé, de santidade.

“Ajoelhando-me ante o Criador, dirigi-lhe uma fervorosa oração, suplicando-lhe por minha própria alma.”

Agora chegara à compreensão de que ninguém pode ser salvo em seus pecados, que nenhuma coisa impura pode entrar no reino de Deus, que deve haver uma purificação, que as manchas precisam ser eliminadas, crescer pele nova sobre as cicatrizes. Veio-lhe a compreensão de que deve haver um expurgo de seus pecados, um novo coração em um novo homem. Sabia que mudar de coração, de pensamentos, de tecidos, não era coisa fácil. Diz ele:

“Orei o dia inteiro.”

Aqui não se está referindo a uma oração casual; nada há de frívolo, de frases batidas; aqui não está um apelo momentâneo. Durante o dia inteiro, com os segundos transformando-se em minutos, e os minutos em horas, e as horas em um “dia inteiro”. Mas, quando o sol se pôs, o alívio ainda não viera, pois o arrependimento não é um ato simples, nem o perdão um dom recebido sem esforço. A co-

municação com seu Redentor e a sua aprovação eram-lhe tão preciosas, que sua alma, cheia de determinação, prosseguiu sem cessar.

“E, até depois de ter anoitecido, continuei a elevar minha voz, para que ela chegasse ao céu.” (Enos 1:2-4.)

Poderia o Redentor resistir a uma súplica tão determinada? Quantos de vocês já persistiram assim? Quantos de vocês, com sérias transgressões ou não, já oraram durante tantas horas? Quantos de vocês já oraram durante cinco horas? Durante uma? Por 30 minutos? Por dez? Se têm erros em sua vida, já contenderam diante do Senhor? Já encontraram sua profunda floresta, cheia de solidão? Quão faminta ficou sua alma? Qual foi a profundidade da impressão de suas necessidades em seu coração? Quando foi que se ajoelharam em total silêncio diante de seu Criador? Pelo que oraram — pela própria alma? Durante quanto tempo imploraram assim reconhecimento — o dia inteiro? E quando as sombras caíram, continuaram a elevar a voz em poderosa oração? Ou terminaram-na com alguma palavra ou frase batida?

A medida que lutarem em espírito e clamarem poderosamente e comprometerem-se com sinceridade, a voz do Senhor Deus virá à sua mente como veio à de Enos:

“Teus pecados te são perdoados e tu serás abençoado,” (Enos 1:5.)

Por não compreender, vocês acham que a oração não é respondida? Algumas pessoas ouvem um barulho; outras pensam que são trovões; enquanto outros ouvem e compreendem a voz de Deus e o vêem pessoalmente.

Quando oramos com Deus a sós, despiamo-nos de todo fingimento e pretensão, toda hipocrisia e arrogância.

Todos nós precisamos de orações que nos aproximem de Deus, que nos permitam renascer.

E em todas as nossas orações, lembremo-nos de nossa insuficiência, nossas limitações, nossa dependência, nossa falta de sabedoria. Como a criança, nem sempre sabemos o que é melhor para nós, o que nos é apropriado. Assim, dizemos em todas as nossas orações: “Seja feita a tua vontade”, e de coração devemos dizê-lo. Não devemos pedir conselho a um líder da Igreja, e depois não segui-lo. Nunca devemos pedir bênçãos ao Senhor e depois ignorar a resposta.

E assim, oramos: “Seja feita a tua vontade, oh Senhor. Tu sabes melhor, bondoso Pai. Eu me conformarei. Eu o aceitarei agradecidamente.”

O apóstolo Paulo disse: “Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo.” (Gálatas 6:2.) Não podemos ficar doentes em lugar dos outros, nem podemos sentir dor por procuração, mas certamente podemos animar os solitários, encorajar os doentes e contribuir para que sua fé aumente. Podemos também encorajar os cansados e abatidos. Nós somos o guardador de nosso irmão.

(Lições de Bem-Estar da Soc. de Socorro, Lição 3 — 1980)

POR QUÊ, COMO, E COMO NÃO DELEGAR

Algumas Sugestões para o Lar e para a Igreja.

William G. Dyer



Talvez nenhum princípio de liderança tenha sido mais amplamente mal entendido do que o da delegação. É comum ouvirmos comentários como este a respeito de um líder sobrecarregado com seu trabalho: "Ele deve delegar mais" ou "Por que ela não aprende a delegar?". A suposição é de que delegar se resume em passar o trabalho para outra pessoa e, repentinamente, ficar livre daquela responsabilidade.

Entretanto, qualquer bom líder sabe que a delegação não lhe dará, necessariamente, mais tempo livre de imediato. Ao final de contas, a delegação eficiente deve dar ao líder mais tempo para outros assuntos; porém, a curto prazo, pode envolver um comprometimento ainda maior de tempo.

Designações, projetos e áreas de trabalho.

Como fazer com que a delegação seja um instrumento útil, em vez de uma carga de difícil manejo? Um importante ponto de partida é compreender o que está incluído na tarefa que se está delegando.

1. **Designações.** Uma designação é, geralmente, uma tarefa clara, específica e única, dada apenas uma vez. Fazer um discurso, apresentar partes da aula, e executar tarefas são exemplos de designação. Quando nosso filho de dezesseis anos precisava ser levado de carro, todas as manhãs, para o treino de basquetebol, pedi a um de nossos filhos mais velhos que fizesse isso por mim. Isto foi uma designação delegada, uma atividade única, que me aliviou de uma tarefa por um dia.

Visto que as designações são tarefas isoladas, levam, geralmente, ao desenvolvimento limitado de novas habilidades. No entanto, uma designação pode ser o início do interesse, treinamento ou progresso em uma nova área.

2. **Projetos.** Um projeto é um conjunto maior e mais complexo de tarefas que

exigem mais habilidades; mas, como a designação, geralmente não é um trabalho contínuo.

Por exemplo, nosso bispo delegou ao líder do grupo de sumos sacerdotes o projeto de preparar o banquete da ala. Isto incluía cuidar de todos os arranjos referentes à comida, mesas, decoração, serviço e programa. O líder do quorum, por sua vez, distribuiu várias designações quanto àquelas responsabilidades específicas.

Quando apropriado, os pais devem dar aos filhos a responsabilidade pelo projeto inteiro. As crianças podem-se delegar, por exemplo, projetos como o planejamento da noite familiar, fazer as compras da semana, organizar os cardápios da semana, ou verificar o suprimento do armazenamento familiar em vez de apenas pequenas designações — como “faça sua cama”, “devolva isto ao vizinho”, “apanhe o seu casaco”, “ponha o lixo na rua”, “lave a louça.”

Projetos bem delegados dão excelentes oportunidades de crescimento àqueles que o recebem. Somente líderes ou pais sem sabedoria têm medo de delegar projetos inteiros, dando apenas designações.

3. Áreas de trabalho. Uma área de trabalho é um conjunto complexo de atividades de duração indefinida — não apenas um projeto ou designação.

Uma área de trabalho delegada pode ser parte de determinada posição ou chamado. O presidente da estaca pode delegar a responsabilidade de certas atividades da fazenda de bem-estar para um determinado sumo conselheiro; outro pode receber o programa de adultos solteiros; outros ainda recebem a delegação dos programas de Rapazes e Moças, aperfeiçoamento didático, atividades esportivas etc.

Em outros casos, as áreas de trabalho não são parte de certos chamados ou posições, mas delegadas à medida que aparece a necessidade. Certo pai passou ao filho mais velho a responsabilidade de

manter o carro da família em ordem. Uma filha adolescente recebeu a solicitação de aceitar a tarefa de acordar a família, todas as manhãs, para a leitura das escrituras e oração. Algumas famílias dividem a tarefa da limpeza da casa em áreas de trabalho e delegam a vários de seus membros a responsabilidade de manter limpa determinada parte da casa.

Em áreas de trabalho, existe uma grande oportunidade para o que recebe a tarefa, de aprender, crescer e aliviar a carga do líder ou pai. Mas, inicialmente, a instrução e treinamento podem realmente tomar mais do tempo do líder do que ele mesmo fazer o trabalho.

Por que os líderes delegam ou não.

Os líderes delegam devido a duas razões principais: (1) faltam-lhes tempo, habilidade ou outros recursos para realizar o trabalho; ou (2) desejam dar a mais alguém as oportunidades de crescimento provenientes de um determinado encargo ou atividade.

Por outro lado, as principais razões de muitos líderes não delegarem, são: (1) nem sempre há pessoas capazes de fazer o trabalho da maneira como querem que seja feito; (2) leva mais tempo mostrar às pessoas como fazer o trabalho do que fazê-lo pessoalmente; (3) é frustrador delegar alguma coisa a alguém e depois não a ver realizada da maneira “certa”, na hora certa; (4) às vezes as tarefas delegadas envolvem mais problemas e tempo, visto que as pessoas ficam fazendo perguntas e reclamando quanto à designação.

Eliminar obstáculos para delegar com eficiência.

Entretanto, é possível sobrepujar esses prováveis entraves à delegação. Estas sugestões podem ser úteis:

1. Dar designações desafiantes. Às vezes, os líderes distribuem apenas as ati-

vidades difíceis, monótonas ou desinteressantes, ficando com as melhores para si mesmos. Isto significa que a pessoa que recebe as tarefas freqüentemente não vê o trabalho levar a qualquer progresso ou desenvolvimento significativo e, com o tempo, começa a ressentir-se e a resistir à tarefa. Se fosse delegado a uma criança sempre lavar a louça depois da noite familiar, e se nunca lhe fosse dada a oportunidade de apresentar uma lição, escolher uma atividade ou planejar a sobremesa, ela poderia facilmente ficar insatisfeita. Um líder da Igreja ou de uma família examina periodicamente o que foi delegado, a fim de verificar como as pessoas se sentem quanto a suas designações.

2. **Explicar as expectativas.** Quando alguém passa o trabalho para outrem, retém certo grau de responsabilidade. Embora a mãe delegue à filha a tarefa de comprar as coisas necessárias no supermercado, ela continua responsável pela dieta, nutrição e refeições da família, mesmo que a filha falhe ao fazer as compras. É importante que a mãe explique o que espera dela — que lhe explique claramente a importância de fazer compras, a quantia a ser gasta, quando devem ser feitas as compras e a quantidade de mercadoria a comprar. Se tais coisas não forem compreendidas claramente, a filha pode inadvertidamente violar as expectativas da mãe ou da família, e então ser repreendida ou punida por não fazer aquilo que na realidade jamais compreendeu.

3. **Fornecer o treinamento necessário.** Com freqüência, determinada área de trabalho é estranha à pessoa que recebe a designação e portanto, ela não tem condições de desempenhá-lo satisfatoriamente por si só. Pode ser que o líder tenha que gastar tempo dando instruções e treinamento adequados, a fim de ajudar a pessoa a alcançar o nível desejado de desempenho. Por exemplo, quando um portador do sacerdócio recebe a responsabilidade do ensino familiar, o líder deve usar o tempo necessário para fornecer treinamento claro e apropriado. Isto poderá in-

cluir um período de explicação e também uma experiência conjunta no ensino familiar, a fim de **demonstrar-lhe** como é feito o ensino familiar eficiente. Sem essa preparação, talvez o mestre familiar faça um trabalho fraco, frustrador para todos, e o líder do quorum quem sabe nunca chegue a perceber que ele próprio é parte do problema.

4. **Acompanhar.** Quando uma tarefa foi delegada, o líder freqüentemente supõe que pode sossegar e deixar a coisa correr. Mas, na realidade, o trabalho não vai ser feito como deveria, a menos que ele tenha um programa consistente de acompanhamento. Isto inclui tomar tempo para examinar, periodicamente, o que foi feito, avaliar os resultados, fazer algum pla-

Delegar não é simplesmente um meio de passar adiante o trabalho. É . . . um plano mais amplo pelo qual o líder é aliviado de certas atividades, e a pessoa que recebe a tarefa experimenta progresso e desenvolvimento na nova área de trabalho.

nejamento e, talvez, fornecer algum treinamento e instruções adicionais. Acompanhar não significa verificar continuamente para ver que as coisas estejam sendo feitas apropriadamente, mas sim marcar uma data, de comum acordo, para examinar o progresso.

Exemplificando: Se a um comitê do quorum de mestres, sob a direção de um encarregado, foi delegada a responsabilidade de uma atividade do quorum, acompanhada de uma refeição, o consultor do quorum deve primeiramente fornecer instruções claras e depois determinar datas em que certas providências deverão estar tomadas e a ele relatadas. Ele não deve

esperar até o dia da festa para só então querer verificar freneticamente se todos os arranjos foram feitos. Muitos programas fracassam pela falta de um método planejado para estimular ou reorientar as pessoas que têm designações. A falta de acompanhamento também pode indicar à pessoa que recebeu a tarefa que o líder perdeu o interesse no projeto e não mais se importa com ele. Isto pode fazer com que a pessoa designada perca a motivação.

5. **Deixar que seja feito.** Embora o líder deva explicar as expectativas, fornecer instruções ou treinamento e acompanhar, não é realista esperar que aquele que recebe a designação a execute exatamente como o líder o faria pessoalmente. O líder deve deixar que seja feita, concedendo à outra pessoa o direito de realizar o trabalho de acordo com suas próprias habilidades, personalidade, estilo e experiência. É extremamente frustrador receber uma tarefa e depois ser vigiado, dirigido e orientado por alguém que acha dever controlar tudo para certificar-se de que as coisas foram feitas exatamente como ele quer. A pessoa que está executando a tarefa, não pode deixar de aplicar algo de sua própria individualidade ao trabalho. Isto deve ser esperado, permiti-

do e até mesmo apreciado. Espera-se que, se a pessoa for desenvolver-se na designação, ela começará a assumir o encargo, passando a fazer o trabalho ainda melhor do que o líder havia imaginado.

Por exemplo, uma líder da Sociedade de Socorro pode descobrir que a conselheira designada para dirigir a reunião ou supervisionar um projeto o faz de uma forma diferente da que ela faria. O estilo da conselheira pode ser igualmente eficaz e talvez até produza resultados superiores, se a presidente lhe permitir certa liberdade. Porém, a conselheira nunca progredirá, se a presidente exercer demasiado controle, verificando muito de perto, não saindo de cima, de tal modo que a conselheira acabe com medo de fazer o que quer que seja.

Delegar não é simplesmente um meio de passar adiante o trabalho. É uma estratégia de liderança — um plano mais amplo pelo qual o líder é aliviado de certas atividades, e a pessoa que recebe a tarefa experimenta progresso e desenvolvimento na nova área de trabalho. A delegação eficiente é resultado de um planejamento sério, de uma explicação clara do que é necessário, de treinamento apropriado, de acompanhamento e do desejo de deixar que realizem o trabalho.

“Temos a tendência de pensar na lei como algo que apenas nos restringe — algo que tolhe nossa liberdade. Às vezes pensamos na lei como o próprio oposto da liberdade. Mas é uma concepção errônea. Não foi desta maneira que Deus inspirou seus profetas e não é assim que os legisladores encaram a lei.

“Deus não se contradiz. Ele não criou o homem e depois, como se pensando melhor, lhe impôs uma porção de leis arbitrárias, irritantes e restritivas. Ele criou o homem livre — e deu-lhe os mandamentos para mantê-lo livre.” (Cecil B. DeMille, Discurso de Colação de Grau, Brigham Young University Speeches of the Year [Provo, 31 de maio de 1957], pp. 56-57.)

AS MUITAS VOZES

Como Equilibrar as Exigências ao Nosso Tempo

Robert R. Bohn

Pode ser que às vezes fiquemos imaginando como conseguir realizar tudo aquilo que desejamos na vida, quando tantas vozes reclamam nosso tempo. As vozes são oriundas de pessoas que amamos e respeitamos; as atividades que elas encorajam são recomendáveis e importantes. Mas, é aí que está o problema: Como conseguir fazer tudo?

"Nunca diga não a um chamado da Igreja."

"A mulher deve envolver-se em muitas atividades realizadoras."

"Seja um sucesso em seu emprego."

"Seja um bom vizinho."

"Participe de atividades e projetos políticos e cívicos."

"Passe mais tempo com sua família."

"A maternidade é o encargo mais importante da mulher."

"Passe mais tempo em casa."

"Dedique mais tempo ao seu chamado na Igreja."

Nossa vida pode-se tornar um hino harmonioso ou um verdadeiro tumulto, dependendo de como selecionamos a ocasião e a intensidade das vozes que reclamam nosso tempo.



DE UM LADO, OUVIMOS:

"Nunca diga não a um chamado da Igreja."

"A mulher deve envolver-se em muitas atividades realizadoras."

"Seja um sucesso em seu emprego."

"Seja um bom vizinho."

"Participe de atividades e projetos políticos e cívicos."

"Evite o extremo em qualquer área — e lembre-se de seus compromissos com a família e com a Igreja."

Assim, a pergunta — como é que um santo dos últimos dias dedicado pode encontrar tempo para tudo, quando tantas vozes — família, igreja, trabalho e comunidade — reclamam tanto de seu tempo?

Há tempo para todo o propósito.

"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu." (Ecles. 3:1.) Essa admoestação tem tanta propriedade hoje quanto na antigüidade. É triste quando tentamos viver no passado ou no futuro.

Por exemplo, é deplorável ver uma mãe, com filhos pequenos, fugir para a sala de aula das faculdades, porque isto é intelectualmente estimulante e lhe recorda seus dias de universidade. É igualmente deplorável ver uma jovem casando-se cedo demais e tendo que enfrentar a responsabilidade de ser mãe antes de haver terminado seus estudos básicos.

A proporção do tempo que uma pessoa despende em várias atividades difere significativamente, dependendo da fase da vida em que se encontra. Cada período de nossa vida tem um propósito especial, e o senso de realização advém de experimentar-se o propósito de cada período na ocasião apropriada.

A determinação de prioridades.

Para determinarmos o que é correto para nós em determinada época ou situação, temos que examinar as prioridades. Mas, o que acontece quando dois princípios "certos" entram em conflito, como por exemplo: passar tempo com a família versus cumprir os chamados da Igreja?

A chave é compreender que cada situação tem de ser considerada através de oração — aquilo que pode ser correto em uma situação, pode não o ser em outra. Ao buscarmos as prioridades, devemos determinar qual é a opção mais importante em situações específicas. Por exemplo, um momento crucial na vida de uma criança, que requeira a atenção dos pais, pode ter prioridade sobre um encargo específico na Igreja; mas, em outra ocasião, o bem-estar espiritual de uma pessoa da ala pode ter prioridade sobre assistir a um jogo de futebol na TV com o filho. Da mesma forma, a pergunta: "O que deve vir primeiro, a família ou a Igreja?" é, na realidade, uma pergunta errada, se desejarmos uma resposta genérica. A família e a Igreja são de primordial importância, ambas são de Deus, e cada uma delas pode ter precedência, dependendo da situação específica. Ambas são partes integrais do todo maior, isto é, do evangelho de Jesus Cristo. Uma de nossas maiores necessidades individuais é cada um de nós aprender a viver pelo Espírito, conforme é prometido quando recebemos o dom do Espírito Santo, a fim de que as prioridades que estabelecemos para cada período ou circunstância sejam aceitáveis e agradáveis ao Senhor.

Quando é que terminará?

Com tantas vozes reclamando nosso tempo, às vezes ficamos deprimidos e perguntamos a nós mesmos: "Quando é que terminará?" Terminará, quando aceitarmos o fato de que lutar e vencer as exigências é um fato natural da vida, quando não procuramos escapar delas, mas encaramos a realidade e vivemos de maneira feliz um dia de cada vez.

Façamos uma analogia: Quando um ciclista movimenta suas pernas, a bicicleta se movimenta e ele permanece equilibrado. Mas, se ele não se movimentar, perde o equilíbrio e cai.

O mesmo acontece quando estamos deprimidos ou bloqueados. Permanecendo inativos, esperando que as muitas exigências cheguem a um fim, começamos a sentir autopiedade e nossa perspectiva torna-se distorcida. O movimento e a atividade, por outro lado, ajudam-nos a manter o equilíbrio e tornar nossa vida enriquecida e na devida perspectiva.

O princípio do “regente do coro”.

Para encontrarmos harmonia na vida, precisamos aprender a controlar os vários reclamos ao nosso tempo. Considerem a analogia do regente do coro. Um coro tem muitas vozes diferentes cantando: contralto, soprano, baixo e tenor. Embora todos os cantores sejam vocalistas peritos, se cada um deles fosse cantar sua música favorita tão alto quanto quisesse, sem se importar com os outros, o resultado seria barulho, em vez de música. O coro é belo quando o regente ajuda cada um dos cantores a entrar na ocasião certa, com o volume e expressão adequados. Ao exercer controle sobre os interesses especializados de cada vocalista, o regente transforma a confusão num hino equilibrado e melódico.

O mesmo se dá com as “exigências vocalizadas” de nossa vida — família, genealogia, ensino familiar, obra missionária, obra vicária, reuniões, responsabilidades cívicas, vizinhos e profissão. Em vez de permitir que essas vozes — todas boas — determinem seu hino e volume favoritos, o Senhor espera que cada um de nós seja o regente de sua própria vida. Foi o Senhor quem disse a Joseph Smith: “Pois neles está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros.” (D&C 58:28.) E, se o resultado for ruído dissonante ou música equilibrada e harmoniosa, depende de como regemos e damos entrada às diferentes vozes na ocasião, lugar e intensidade apropriados. É *nossa* responsabilidade usar de inspiração para controlar o equilíbrio. A responsabilidade máxima repousa sobre nossos ombros, ao exercermos nosso livre arbítrio.

Resumindo

Em resposta à pergunta: “Como conseguir realizar tudo o que desejamos na vida, quando tantas vozes reclamam nosso tempo?” Precisamos determinar nossas prioridades, aconselhando-nos com o Senhor, para que as muitas exigências sejam atendidas em nossa vida de acordo com a ocasião e o período apropriados. Então, podemos nos satisfazer com aquilo que estamos capacitados a fazer, procurando realizá-lo com alegria, em vez de estarmos sempre frustrados com relação ao que não conseguimos executar. Podemos procurar o equilíbrio em nossa vida, ocupando-nos “zelosamente numa boa causa” (D&C 58:27) e assim sobrepujar muitos momentos de depressão. Nossa vida pode tornar-se um hino harmonioso ou um verdadeiro tumulto, dependendo de como selecionamos a ocasião e a intensidade das vozes que reclamam nosso tempo. Aplicar esses princípios gerais a nossas condições particulares nos ajudará a obter aquilo que o Profeta Joseph Smith disse ser “o objetivo e desígnio de nossa existência” — a felicidade.

POR OUTRO LADO, PODEMOS OUVIR:

“Passe mais tempo com sua família.”

“A maternidade é o encargo mais importante da mulher.”

“Passe mais tempo em casa.”

“Dedique mais tempo ao seu chamado na Igreja.”

“Evite o extremo em qualquer área — lembre-se de seus compromissos com a família e com a Igreja.”

SUA PACIÊNCIA FOI RECOMPENSADA

Elissa J. Poulsen

"Preciso aprender a seguir antes de poder liderar" é o princípio que tem governado a vida de Richard A. Lowe desde seu batismo em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, há quinze anos. O irmão Lowe foi batizado sabendo que, como um homem de cor, não podia ser ordenado, naquela época, ao sacerdócio.

Enquanto estava sendo ensinado pelos missionários, é claro que se interessou pelo sacerdócio e orou a respeito. Certa noite, sonhou que estava de pé, junto a um púlpito, com um livro bem antigo aberto diante de si. O papel parecia ser pergaminho, e a escrita muito indistinta. A última linha da página dizia: "O homem de cor não pode portar o sacerdócio, por agora."

Viu diante de si uma grande tapeçaria, tendo a impressão de que três pessoas se encontravam de pé, do outro lado.

"Nenhum homem de cor?" perguntou.

E a resposta veio à sua mente: "Não, não por agora."

Ele pensou novamente: "Que oportunidade haverá para mim?" Foi mentalmente instruído a olhar para o livro, onde pôde ver claramente as palavras: "Buscai primeiro a verdade, e então todas as coisas virão a vós."

Com esta confirmação direta, o Irmão Lowe foi batizado. Procurou diligentemente exercer sua mordomia como patriarca no lar, vivendo os princípios do evangelho e ensinando-os à família. Conhecendo o

poder do sacerdócio e tendo fé em seus líderes, convocou-os com frequência para abençoarem sua esposa e filhos. Sentiu o poder curador do sacerdócio em sua própria vida.

Enquanto estava no exército, no Vietnã, descobriu-se que o Irmão Lowe tinha um tumor no cérebro. Foi transferido para um hospital em Okinawa e, na noite anterior à operação, o Irmão Lowe foi abençoado pelos élderes da Igreja. Todo o medo e ansiedade o abandonaram e não teve dúvida alguma quanto ao resultado. Depois da operação, ele sentiu apenas uma leve dor e, para espanto de todos no hospital, conseguia ver, ouvir e sentar-se na cama. O diagnóstico de seu médico: “Você teve mais ajuda do que lhe pude dar.”

Em sua bênção patriarcal, proferida em fevereiro de 1978, ele recebeu mais outra confirmação do amor e interesse do Mestre. Foi-lhe prometido: “Em tempo futuro, durante o Milênio, se não antes, receberás o sacerdócio de Deus.” Ele ficou satisfeito em saber que, algum dia esta promessa se realizaria, mas nunca sonhou que fosse tão logo.

Recebeu a notícia através de um chamado telefônico na tarde de sexta-feira, dia 9 de junho de 1978, enquanto trabalhava. A voz de sua mulher tinha um timbre estranho e indecifrável. “Querido”, disse ela, “tenho boas notícias”, e então co-

meçou a chorar. Mas, controlando-se, contou-lhe que o Presidente Spencer W. Kimball recebera uma revelação de que todos os homens dignos poderiam agora receber o sacerdócio. Naquele momento, dois amigos, um membro e um pesquisador, que trabalham na mesma companhia, correram até sua mesa. Eles também haviam ouvido a gloriosa notícia e estavam ansiosos por partilhá-la com seu amigo, cuja vida seria mudada de maneira tão maravilhosa. Abraçados, os três homens choraram juntos.

O Irmão Lowe recebeu o sacerdócio no domingo seguinte e foi ordenado ao ofício de élder pelo Élder Robert D. Hales do Primeiro Quorum dos Setenta.

Antes da dedicação do Templo de Washington, a família Lowe visitara o edifício, pensando que seria sua única oportunidade de entrar num templo em vida. Agora estão planejando voltar ao mesmo templo, mas desta vez para serem selados para o tempo e toda eternidade.

O Irmão e Irmã Lowe são pais de três filhos adotivos: Robert, de dez anos; Layunie, de nove; e Karla, de oito. A reação de Robert à notícia foi decidida: “Papai, preciso ir ao banco. Tenho que começar a economizar para uma missão. Pode-me dar um dólar?”



OS SELOS DESPERDIÇADOS

Lorna Burnett

Dóris era um dos nomes de nossa lista de membros inativos. Fazia tanto tempo que estivera na capela pela última vez que ninguém se lembrava dela. Como presidente da Primária da ala, eu enviara repetidamente convites para que seus quatro filhos viessem à Primária, mas parecia que tínhamos desperdiçado os selos das cartas.

Parte do problema era sua localização. Dóris morava a 72 quilômetros de nossa pequena ala, na parte setentrional do Estado de Nova York — o único membro da Igreja em sua comunidade. Na realidade, estava geograficamente tão isolada, que fazia anos desde que recebera uma visita dos mestres familiares ou das professoras visitantes da Sociedade de Socorro.

Mas continuávamos a convidar seus filhos para a Primária, a enviar-lhes um cartão de aniversário e lembrá-los em

oração em nossos corações para que, de algum modo, pudéssemos alcançá-los.

Então uma nova professora visitante foi designada para Dóris. Essa irmã não podia fazer a viagem de 145 quilômetros, ida-e-volta, necessária para visitá-la, mas pensou que poderia, pelo menos, escrever-lhe um bilhete todo mês e enviar-lhe o jornalzinho da ala.

Finalmente, os bilhetes e cartões começaram a surtir efeito; Dóris respondeu à professora visitante! “Estou muito grata por saber que vocês ainda me consideram membro da Igreja”, escreveu. “Não tenho podido freqüentar por mais de cinco anos, mas ainda sinto muito orgulho de ser mórmon.” Assim começou a correspondência. Todo mês a professora visitante enviava uma mensagem e o jornalzinho da ala para Dóris; e ela respondia quase sempre.

Então, certo dia frio e hibernal, havia dois rostos novos na Sociedade de So-

corro: Dóris e sua vizinha. Dóris não sabia dirigir, assim, convencera sua vizinha, que não era membro, a levá-la à Sociedade de Socorro, uma viagem de 145 quilômetros, ida e volta.

Parecia que sempre a conhecêramos. Prestou-nos seu testemunho e expressou grande fé no amor de nosso Mestre e na veracidade da Igreja. Depois da reunião, marquei uma visita, para finalmente ir vê-la em sua casa. Com a permissão do bispo, eu esperava poder organizar uma Primária do lar, tendo Dóris como professora.

Era um dia cheio de neve, da Nova Inglaterra, E.U.A., quando minha conselheira e eu tomamos meu pequeno carro sem aquecimento e nos pusemos a caminho por estradas desconhecidas. Em certos trechos, a estrada era difícil e ambas desejamos, intimamente, ter escolhido um dia melhor para a viagem. Mas Dóris já esperara bastante. Iamos manter nosso compromisso.

Fomos bem recompensadas. Ao nos sentarmos na agradável casa de Dóris, ela nos contou sua história. Os missionários haviam batido à sua porta cinco anos atrás. Ela se regozijara com a mensagem do evangelho desde o início, e, embora seu marido não se interessasse, permitira que ela fosse batizada.

Chegou então a parte difícil: ela morava a 72 quilômetros da capela mais próxima. Não havia outros membros nas vizinhanças e ela não sabia guiar. O marido não se dispunha a levá-la. Vivia muito longe para que os mestres familiares fossem visitá-la. Tinha testemunho de sua nova igreja, sentindo que era uma bênção inigualável em sua vida. Lamentava, porém, não ter possibilidade de desenvolver seu testemunho.

Não se passou muito tempo, no entanto, até que um bispo compreensivo reconhecesse sua necessidade. Seus filhos gêmeos tinham acabado de completar três anos — idade da Escola Dominical Júnior — assim, o bispo lhe trouxe um manual do Curso Três da Escola Dominical. Se suas condições de vida não lhe permitiam fazer a longa viagem até a capela, ela podia ter a igreja em sua própria casa. Podia ensinar aos filhos as boas-novas do evangelho que ela mesma aprendera.

E ela os ensinou. Durante cinco anos, todos os domingos pela manhã, reunia seus quatro filhos e lhes dava aulas por aquele manual do Curso Três — cinco vezes eles fizeram o mesmo curso.

Imaginem como se sentiu alegre quando uma professora visitante demonstrou-lhe que a ala ainda se interessava por ela! Imaginem sua alegria quando recebeu os novos materiais didáticos que eu levava comigo, juntamente com flâmulas dos arqueiros e anéis dos CTR!

Agora a situação de Dóris mudou. Foi organizado um ramo da Igreja mais perto de sua casa, e há outros membros da Igreja morando na sua cidadezinha. Agora, pode levar seus filhos para frequentar a verdadeira Igreja todos os domingos do ano.

Devido ao novo ramo, as fichas de Dóris e sua família foram transferidas de nossa ala. Raramente a vemos, mas, ao verificar a lista de crianças inativas de nossa ala, imagino quantas Dóris estarão esperando que alguém as traga para a atividade. Imagino quantos irmãos e irmãs e crianças serão tocados e ativados através de nossos esforços. Semelhantemente a Dóris, muitos não exigirão muito para se fortalecerem no rebanho. Afinal, quanto custa um selo?

“Devemos nos lembrar que, em assuntos públicos, não existe neutralidade moral. Aqueles que não se erguem imediatamente em defesa de suas convicções estão, com sua passividade, apoiando o lado oposto. Em qualquer ocasião em que uma pessoa consegue discernir entre o bem e o mal, ficar em silêncio torna-se um voto a favor do mal.”

John A. Howard

"É ESTA, FALE COM ELA!"

Bruce C. Hafen



Quando eu já estava em minha missão na Alemanha há mais ou menos um ano, fui designado para trabalhar com um missionário recém-chegado, cujo nome era Élder Keeler, o qual acabara de converter, conforme pensava, todas as aeromoças do vóo de Nova York a Frankfurt. Após alguns dias fui chamado para uma reunião em outra cidade e tive de deixá-lo trabalhando em nossa área com outro missionário inexperiente cujo companheiro viajou comigo. Voltei tarde naquela noite. Na manhã seguinte, perguntei-lhe como fora seu dia. Sorrindo entusiasmado, disse que encontrara uma família que certamente se filiaria à Igreja. Em nossa missão, era raro ver alguém filiar-se à Igreja, quanto menos uma família inteira. Pedi-lhe mais detalhes, mas ele se esquecera de anotar tanto o nome da família como o endereço. Tudo o que conseguia lembrar era que moravam no último andar de um grande prédio de apartamentos. "Oh, isto é muito bom," pensei comigo, ao imaginar todos aqueles lances de escada. Explicou também que sabia tão pouco alemão, que trocara apenas algumas palavras com a senhora que atendera à porta. Mas ele realmente pensava que ela desejava que voltássemos e ele queria voltar a encontrá-la para que eu pudesse falar com ela imediatamente. Expliquei-lhe que nem todos os que não nos batiam a porta na cara pretendiam aceitar a Igreja. Mas, lá fomos nós, procurá-la, principalmente para satisfazê-lo. Ele não conseguia lembrar-se nem da rua certa; assim, decidi pegarmos uma rua provável e começamos a subir e descer aquelas escadas infundáveis.

Depois de uma hora de frustração, decidi que deveria ser franco com ele. Baseado em minha experiência de muitos meses, disse que simplesmente não valia a pena perdermos tempo continuando à procura dela. Eu adquirira certa tolerância para com as realidades da obra missionária e simplesmente sabia mais do que ele a respeito. Seus olhos marejaram-se de lágrimas e seu lábio inferior começou a tremer. "Élder Hafen", disse ele, "vim para a missão a fim de encontrar os honestos de coração. O Espírito me disse que aquela mulher será um membro da Igreja." Assim, decidi dar-lhe uma lição. Fi-lo subir uma escada após outra, até que estivesse pronto para cair de cansaço, como eu estava. "Élder Keeler", perguntei, "você está satisfeito?" "Não," disse ele. "Tenho que encontrá-la." Comecei a ficar zangado. Decidi fazê-lo trabalhar até pedir para parar — aí, talvez ele captasse a mensagem.

Então, no alto de um longo lance de escadas, encontramos o apartamento. Ela veio à porta. Ele cutucou-me as costelas com o cotovelo e cochichou alto: "É ela, É esta. Fale com ela!"

Irmãos e irmãs, não faz muito tempo o marido daquela senhora esteve sentado em minha sala de estar. Estava em Utah para a conferência geral. É o bispo da Ala de Mannheim. Seus dois filhos estão-se preparando para fazer missão. Sua esposa e filha são membros fortes e ativos da Igreja. É uma lição que jamais poderei esquecer, a respeito das limitações do ceticismo proveniente do aprendizado e da experiência. Espero que nunca esteja tão a par da "realidade" que fique insensível aos sussurros do céu.

Não se pode garantir a segurança daquele que acha que sua própria opinião é a sua lei.

Richard L. Evans

AS PESSOAS ALI DO FIM DA RUA

O. Morrel Clark

Mudamo-nos para a Ala IV de Ogden, no outono de 1937. Como mestre familiar (naquele tempo chamado de **mestre visitante**), recebi a designação de visitar uma casa antiga transformada em dez apartamentos.

Certa noite de dezembro, quando fazia as visitas familiares, notei um pouco além dos apartamentos uma casa tipo "trailer". Não tendo certeza se estava incluída em algum distrito de mestres familiares, fiquei imaginando se os ocupantes do "trailer" haviam sido visitados. Decidi que só havia um meio de saber.

Uma senhora loira, de olhos azuis, atendeu à porta e explicou que não eram santos dos últimos dias. Disse que se haviam mudado há pouco de outro estado. Levei mais alguns minutos explicando-lhe o programa de mestres familiares.

Ela mostrou-se tão receptiva, que contei brevemente a história da Primeira Visão de Joseph Smith e do aparecimento do Livro de Mórmon. Sugeri que talvez ela gostasse de lê-lo, se tivesse um exemplar.

"Sim, creio que gostaria", respondeu.

A princípio, pensei apenas em emprestar-lhe o livro; mas, quando estava em casa e peguei o exemplar da prateleira, decidi presentear-lo à senhora, Maxine Protzman, e seu marido, Paul. Escrevi algumas palavras na capa interna, encora-

jando-os a estudar o livro. Depois, levei-o à casa da família Protzman.

As designações da Igreja logo me levaram para outros lugares. Anos se passaram. O acontecimento apagou-se de minha memória.

Após quinze anos, minha mulher e eu estávamos dançando, no clube, quando, durante um intervalo, notei uma loira olhando fixamente para minha mulher. Finalmente, a senhora falou: "A senhora não me conhece, não é?" perguntou. Minha mulher respondeu: "Não, estou certa de que não."

"Bem, conheço seu marido," disse ela. "Foi ele quem me apresentou o evangelho."

Interrompi: "Estou certo de que está enganada. Não creio que já nos tenhamos encontrado..."

"Seu nome não é Morrel Clark?" perguntou. Atônito, eu respondi: "Sim, é."

A senhora continuou: "Toda vez que vejo aquele Livro de Mórmon, leio seu nome nele, assim como sua referência à promessa existente no livro àqueles que o lêem com um coração sincero."

Comecei a me lembrar do "trailer", do ensino familiar e dos Protzman. Eles tinham lido o Livro de Mórmon que eu deixara, e começaram a frequentar as reuniões da ala. Os missionários da escola lhes ensinaram o evangelho, e a família se uniu à Igreja. Mais tarde, mudaram-se para o norte de Ogden onde construíram uma casa e se tornaram membros fortes e ativos de sua ala.

O que iniciou essa mudança na vida deles foram simplesmente alguns passos adicionais. Aquele influxo espiritual que me levou à porta deles e me fez testificar-lhes sobre o Livro de Mórmon, trouxe-os para a Igreja.



COM HUMILDADE HONRA E DIGNIDADE

D. Arthur Haycock

Há um ano, voltei com o Presidente Kimball ao Arizona, á casa onde se criou desde pequeno. Subimos a escada em caracol até um quarto vazio. Ali, o rapazinho, antes de ser diácono, lia a Bíblia, à luz de lampião. Olhando pela janela do quarto do andar de cima, vimos o estábulo, ao fundo onde ficavam as vacas. Ele costumava ordenhar nove vacas todos os dias, pela manhã e à noite, à moda antiga. Enquanto ordenhava as vacas, aprendeu as Regras de Fé, os hinos e os Dez Mandamentos. Ele os escreveu num cartão que colocava no chão onde pudesse ler enquanto as ordenhava.

E, à medida que fazia essas coisas, tomou decisões relativas ao que faria e ao que não faria. Estava crescendo e sabia

que muitas coisas eram boas e muitas ruins. Decidiu que, se alguém lhe oferecesse um cigarro, diria não. Se alguém lhe oferecesse chá ou café, diria não. Se lhe sugerissem que fosse imoral, diria não; que mentisse ou enganasse, diria não. Tomou essas decisões quando era garotinho, antes de ser diácono. Ele faria como lhe fora ensinado pela mãe. Guardaria os mandamentos.

Assim, quando cresceu e os rapazes chegavam e lhe diziam: “Spencer, quer um cigarro? Quer tomar um gole de aguardente? Vamos tomar café?”, ele não se preocupava com a possibilidade de ferir seus sentimentos. Havia-se decidido de uma vez por todas a dizer não; depois disso, sempre fora fácil dizer não às coisas ruins. E foi assim que ele viveu durante todos esses anos.

Sugiro que vocês, rapazes, decidam-se agora mesmo a dizer não, e se lembrem de que o profeta tomou essa decisão há muitos anos — não! E, à medida que os anos passarem, e vocês estiverem com um grupo e seus pais estiverem fora, poderão dizer não. Se fizerem essas coisas, será fácil para vocês, e assim honrarão seu sacerdócio. Vocês magnificarão o sacerdócio. Honrarão a seu pai e a sua mãe.

Agora, como secretário do presidente, desejo dizer-lhes que ele é o profeta do Senhor. Trabalho ao seu lado há cinco anos. E o Senhor me diz que ele é o seu profeta. O evangelho é verdadeiro. Joseph Smith foi um profeta. Deus é nosso Pai; e Jesus é o Cristo, nosso irmão mais velho. Este é meu testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

Trechos de um discurso pronunciado na conferência de área de Buenos Aires, Argentina, a 29 de outubro de 1978. (Irmão Haycock é secretário do Presidente Kimball.)

O SACERDÓCIO PREPARADO

Élder Boyd K. Packer
Do Conselho dos Doze



ATÓRIO



Tendo sete filhos, aprendi muito com eles e tenho contado muito com eles.

Às vezes temos um ou outro portador do Sacerdócio de Melquise-deque em casa, mas freqüentemente não temos nenhum. Os nossos élderes têm ido em missão ou já se casaram, e assim, o sacerdócio em nosso lar costuma ser o Sacerdócio Aarônico. Fico muito tempo fora e sou muito grato pelos nossos filhos que possuem o Sacerdócio Aarônico.

Gostaria de falar com vocês, jovens, a respeito desse sacerdócio e contar algumas histórias, extraídas das experiências de minha família. Quando garotos, meus filhos passavam as férias na fazenda do avô. Há doze anos atrás, um deles tinha um cavalo, que lhe foi dado ainda bem pequeno, logo que nasceu. E o cavalo corria livremente com os outros cavalos selvagens da fazenda até aos dois anos, a hora exata de ser domado para montar. No início daquele verão, fomos à fazenda e levamos o dia inteiro para colocar os cavalos no curral. Finalmente, conseguimos prender seu cavalo num lugar separado, meter-lhe um cabresto forte e amarrá-lo num poste com uma corda bem comprida.

Eu lhe disse que o cavalo deveria ficar ali por dois ou três dias, até que paras-se de lutar contra a corda, e sossegasse. Trabalhamos com o cavalo durante toda a manhã e depois fomos almoçar. Meu filho comeu depressa e voltou para junto do cavalo. Tinha catorze anos na época, e realmente amava aquele animal.

Assim que terminamos a refeição, escutei barulho e ouvi os gritos do garoto. Já sabia o que havia acontecido: ele desamarrara o cavalo, apesar de eu lhe haver dito que não o fizesse. Mas ele queria trabalhar o cavalo. Para poder segurá-lo, meu filho enrolou a corda no pulso. Quando olhei da porta, vi o cavalo correndo em disparada e meu filho procurando acompanhá-lo com largas passadas, puxado por ele, até que caiu e foi sendo arrastado.

Se o cavalo tivesse virado à direita, teria saído pela porteira e ido para as montanhas, e ninguém o seguraria. Mas foi para a esquerda e ficou encurralado na confluência de duas cercas; enquanto tentava sair dali, alcancei-os, tirei a corda do pulso de meu filho e amarrei-a na estaca. O garoto ficou arranhado, mas não muito ferido. Sem muita dificuldade, pusemos o cavalo novamente em seu lugar e sentamos para uma conversa entre pai e filho. Disse-lhe mais ou menos isto:

“Meu filho, se você quiser controlar aquele cavalo, terá de usar algo mais do que seus músculos. O cavalo é maior do que você e muito mais forte. Algum dia você poderá montá-lo, mas ele tem de ser treinado. Você não pode treiná-lo com seus músculos. Além de ser maior do que você e muito mais forte, também é selvagem.”

Dois anos depois, na primavera, voltamos à fazenda. Aquele cavalo passara correndo com a manada, livre, durante todo o inverno. Fomos procurá-lo e encontramos a manada perto do rio. Sabíamos que, se nos aproximássemos, eles sairiam correndo. Então o rapaz e sua irmã pegaram um balde com um pouco de aveia e foram andando calmamente para a borda do prado. Os cavalos começaram a se afastar vagarosamente; ele assobiou e aquele cavalo saiu da manada e veio para junto de meu filho, para comer a aveia do balde em sua mão. Havíamos aprendido uma grande lição.

Muita coisa acontecera naqueles dois anos. O rapazinho aprendera a usar mais do que seus músculos. Depois daquele quase acidente, ele, bastante amedrontado pois havia desobedecido, disse: “Pai, o que devemos fazer?” Expliquei-lhe então que, se treinasse bem o seu animal, um dia aquele cavalo viria correndo ao ouvir seu assobio. Meu filho aprendeu naquele dia uma grande lição.

O Sacerdócio Aarônico é o sacerdócio preparatório é o Sacerdócio Menor. Preparatório, para quê? Preparar os rapazes

para o Sacerdócio de Melquisedeque e para a vida; treiná-los para serem líderes; treiná-los na obediência. Serve para treiná-los para que possam controlar as coisas que são maiores do que eles e para mostrar-lhes como usar mais do que somente seus músculos.

Quando vocês são ordenados diáconos, aos doze anos, unem-se a um quorum, e que grande bênção é pertencer a um quorum! Durante a vida inteira, vocês pertencerão a um quorum. O quorum de diáconos com doze membros, o quorum dos mestres com vinte e quatro membros, o quorum dos sacerdotes com quarenta e oito membros, e depois, se forem fiéis e dignos, serão ordenados ao Sacerdócio de Melquisedeque ou Sacerdócio Maior. Mas, estamos falando aos rapazes do Sacerdócio Aarônico. O Sacerdócio Aarônico destina-se a preparar-nos para o Sacerdócio de Melquisedeque. Temos de aprender a fazer as coisas da mesma forma como as faremos quando portarmos o Sacerdócio de Melquisedeque.

Vou contar-lhes outra experiência desse garoto. Desta vez ele já estava casado, formado em engenharia e trabalhando numa grande cidade. Ele e a esposa estavam nervosos — emprego novo, nova casa, longe da família.

Ele me contou estas duas experiências. Trabalhava numa sala grande com outros engenheiros. Após dois meses na companhia, um dia começou a arrumar suas coisas para poder sair na hora, coisa que não era do seu costume, pois nós o ensinamos a chegar no serviço um pouco mais cedo e ficar um pouco além da hora do expediente, para fazer o trabalho render mais. Mas, naquele dia, ele estava querendo sair na hora certa. Um dos outros engenheiros perguntou-lhe aonde ele ia, por que estava tão apressado? “É que eu e minha mulher vamos a um jantar hoje à noite.”

“Que tipo de jantar é esse?”

“É um jantar do quorum, um jantar especial, uma atividade social.”

O outro engenheiro balançou a cabeça. “Eu não entendo! Estou aqui nesta cidade há dois anos e não conheço ninguém ainda. Eu e minha mulher vivemos somente um para o outro, e você, depois de dois meses, foi convidado para um jantar!”

Uma outra experiência: Certo dia, um dos engenheiros perguntou-lhe se poderia ajudá-lo na mudança no sábado seguinte, pois tinha achado um apartamento melhor. “Preciso de ajuda — você pode ajudar-me?” Meu filho disse: “Naturalmente.” Sua esposa fez alguns pães para eles, preparou-lhes uma refeição e ele ajudou seu amigo a mudar-se. Depois comentou comigo: “Pai, tenho pensado a respeito disso. Ele mal me conhece e eu também pouco sei dele; se sou eu quem está mais próximo dele, pois convidou-me para ajudá-lo a fazer a mudança, ele não tem nenhum amigo. E veja quantos já tenho!”

Quando o casal chegou à nova cidade, eles foram à Igreja. Meu filho foi à reunião do seu quorum, e começou a fazer parte dele no mesmo dia. Um quorum de irmãos que se apóiam e se ajudam mutuamente, um quorum do sacerdócio.

Vocês, jovens do Sacerdócio Aarônico, podem começar a preparar-se agora; estão sendo treinados para ajudar os outros a recolher as ofertas de jejum; a preparar, abençoar e distribuir o sacramento; a ser mestres familiares e a ajudar o próximo. Por quê? É porque vocês pertencem a um quorum. Um quorum. A palavra quorum é uma palavra maravilhosa.

Na Igreja, o valor dos quoruns ainda não foi plenamente compreendido.

É uma enorme honra fazer parte de um quorum, assim como é uma notável responsabilidade ser chamado como presidente, secretário ou instrutor de um quorum. Vocês sabem de onde vem esta palavra? Não aparece no Velho nem no Novo Testamento. Vem da Roma antiga. Quando os romanos formavam uma comissão de grande importância, para realizar um grande trabalho, designavam seus membros. Nos certificados que lhes eram enviados, estava escrita a palavra **quorum** e dizia o que aquela comissão iria fazer, quão importante ela era, que grandes homens estavam sendo escolhidos. Continha ainda essas palavras: **Quorum vos unum**, que significa ‘Vocês devem ser um’.

Jovens irmãos, vocês pertencem a um quorum. Que imensa oportunidade! Ali podem aprender a controlar sua vida, podem aprender a tornarem-se responsáveis e a ajudar os outros. Sou muito grato por ter recebido o Sacerdócio Aarônico e até agora possuí-lo. Sou mais grato ainda por meus filhos terem tido o Sacerdócio Aarônico e também sou grato porque vocês o portam. Deus os abençoe, meus rapazes. Que o Espírito do Senhor esteja com vocês.

Presto-lhes meu testemunho de que o evangelho é verdadeiro e o sacerdócio é uma grande oportunidade. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

De um discurso pronunciado na conferência de área de São Paulo, no dia 4 de novembro de 1978.

“A obediência à lei é um hábito do homem livre; o transgressor teme a lei, porque traz sobre si a privação e restrição, não por causa da lei, que o teria protegido em sua liberdade, mas pelo seu antagonismo à lei.”

James E. Talmage

UM PRESENTE DOS RÉCEM-CASADOS

Eugene A. Caputo



Francine e eu nos havíamos filiado à Igreja anos antes de nos conhecermos. No entanto, nenhum de nossos pais pertencia a ela. Depois de nos conhecermos e de decidirmos casar-nos no templo, enfrentamos a difícil tarefa de dizer à nossa família que não poderiam assistir ao nosso casamento. Explicamos que somente os membros dignos da Igreja podiam entrar no templo.

Nossos familiares e amigos ficaram magoados — aborrecidos mesmo. Sua atitude foi: “Este é o dia mais importante de sua vida. Como nos podem recusar que o compartilhem com vocês?” Sabíamos que nos consideravam indelicados e ingratos.

Por amarmos muito a eles, sentimos o peso desse dilema. Também queríamos que os outros não-membros que haviam influenciado nossas vidas — amigos a quem amávamos e respeitávamos — soubessem que nos preocupávamos com eles e com seus sentimentos. Queríamos que todos se sentissem apreciados.

Mas também queríamos casar no templo.

Depois de bastante oração, encontramos, finalmente, uma solução: Em vez de termos uma recepção em nossa homenagem, os recém-casados, nós faríamos uma recepção em homenagem a nossos convidados.

Especificamos, no convite, que a recepção incluiria um programa no início. Tivemos o cuidado de tirar todas as fotografias formais antes da chegada de nossos convidados. Então, na hora especificada, recepcionamos os convidados em fila durante cerca de vinte minutos. Pedimos a seguir, que todos se sentassem.

Nosso bispo dirigiu o programa, iniciando com uma oração. Não queríamos ofender nossos muitos convidados não-membros, e assim, ficamos satisfeitos ao saber, mais tarde, que muitos haviam

apreciado a oração. Nosso programa consistiu de dois números musicais e três discursos. Primeiramente o bispo explicou o casamento eterno de maneira tão clara e bela, que, de acordo com nossos convidados, muitos sentiram uma alegria e entendimento que nunca haviam experimentado antes.

Depois, falamos Francine e eu. Discorremos de modo breve e simples a respeito de nossos sentimentos um para com o outro, para com nossa família e nossos amigos. Expressamos publicamente nosso amor e apreço. A seguir, compartilhamos nosso entendimento e testemunho referente ao casamento eterno.

O programa encerrou-se com uma oração e bênção sobre os alimentos. Enquanto comíamos, conversamos com nossos convidados. Muitos fizeram perguntas sobre o casamento no templo e externaram admiração por nosso testemunho. Meu sogro agradeceu-me repetidamente pelo programa. “Agora, nem mesmo sinto falta de não ter levado Francine até o altar”, disse ele.

Depois dos comes e bebes, veio a “dança do dinheiro”, uma tradição que vem da criação européia de meus pais. Numa dança do dinheiro, a noiva e o noivo começam a dançar juntos, mas alguém que queira separá-los pode fazê-lo, prendendo uma nota de um dólar na noiva ou noivo. Durante a dança do dinheiro, muitos de nossos convidados tiveram oportunidade de conversar com Francine ou comigo. Disseram-nos que nos queriam bem; e até mesmo expressaram sua satisfação por sermos mórmons.

Mais tarde, muitos convidados disseram que a nossa fora a melhor recepção a que já haviam comparecido. Nossos pais pareciam orgulhosos e felizes.

Ao fazermos da recepção um presente para nossos convidados, pudemos dar-lhes o presente maior: um vislumbre do que é o casamento eterno e do grande plano de progresso infinito, do Senhor.

MUDANÇA NA DIREÇÃO CERTA

Babzanne Park



Nosso pequeno carro azul rodava pela estrada rural, levando-nos para cada vez mais longe do lar que ganhara nossa afeição durante os últimos cinco anos. Mãe estava dirigindo o carro que levava minhas duas irmãs mais novas e eu; papai ia na frente, com um caminhão emprestado que levava a carroceria lotada de camas e mesas, nosso velho piano e caixas e mais caixas de louças, vestidos e lembranças queridas. Era traumático trocar nossa cidadezinha (com uma população de 880) pela grande cidade de 26.000 habitantes. Eu estava com 12 anos e sabia que aquele estranho novo lugar para o qual me mudava nunca poderia substituir o puro ar do campo e os amigos íntimos que eu estava deixando para trás. Tinha certeza de que terminara a melhor parte de minha vida, e tentava resignar-me com minha sorte.

Depois de nos havermos acomodado na nova casinha, passei a maior parte do

cálido verão deitada em meu quarto, ouvindo discos, lendo e escrevendo cartas para meus amigos. No entanto, à medida que chegava o término das férias, comecei a ficar mais interessada, pensando na nova escola que teria de frequentar e que tinha quase tantos alunos quanto o número de habitantes da cidade em que vivera.

Com um vestido novo e sorriso nervoso, entrei no edifício naquele primeiro dia e me encaminhei para a aula inicial. Sentei-me numa das primeiras filas e fiquei muito satisfeita quando a garota à minha frente virou-se e se apresentou.

Com o passar dos dias, descobri que os estudantes daqui não eram, na realidade, tão diferentes de meus amigos da outra escola. Também gostavam da música que eu apreciava e de jogos de futebol. Também não se entusiasmavam com as provas de matemática, com o tempo frio ou com a escola rival. Comecei a sentir-me



parte dos acontecimentos e até parei de tramar minha volta à velha escola para lá terminar o secundário. Eu tocava clarinete na banda da escola e logo descobri que participar daquela organização me dava a segurança de pertencer a um grupo. Não sabia, então, de que faria parte de um grupo maior ainda logo mais em minha vida.

Embora fosse membro da Igreja, costumava freqüentar uma igreja protestante logo atrás de minha antiga casa. Naquela época, não havia ramo da Igreja lá, e nossa família raramente viajava até a ala mais próxima. Quando nos mudamos, no entanto, começamos a freqüentar a Escola Dominical na Igreja SUD. Ela era grande e o pessoal parecia bem amigável — mal pude acreditar quando me receberam tão bem! Fiz amizade com uma garota chamada Teresa e, certo dia, ela me convidou para a Mutual. Eu não fazia idéia do que era aquilo, mesmo depois de ter-me sido explicado por ela.

Que surpresa quando descobri que era freqüentada por rapazes e moças e que tínhamos aulas interessantes e atividades divertidas! Envolvi-me nas atividades da Igreja e quase nunca perdia uma Mutual. Ali era o lugar onde eu encontrava e sentia o maior calor e aceitação. Naquela época, eu não possuía um testemunho da Igreja, e a freqüentava apenas por causa do amor e amizade que me dedicavam meus amigos e líderes. Podia sentir ali um calor que influenciava minha vida de um modo muito positivo.

Hoje em dia, quando ouço os nomes de rapazes e moças inativos, tento lembrar-me de que cada um deles é um membro ativo em potencial. Estou grata a Teresa, uma amiga maravilhosa que continuou me convidando para a Mutual até que eu aceitei, e àquelas pessoas de coração aberto, da ala, que me trouxeram à atividade através de seu amor. Estou grata por não terem dito: “Ai está mais uma garota inativa, qual será o seu problema?” Estou grata de que, em vez disso, pensaram: “Quais serão as suas potencialidades? Precisamos dela.”

A Mutual deu-me muitas coisas — seções, acampamento para moças, festas, amigos eternos e, talvez o mais importante, deu-me o início de um testemunho do evangelho e a compreensão da enorme influência que a Mutual pode exercer na vida de rapazes e moças. Durante muitos anos, fui uma das muitas garotinhas inativas que existem por toda a Igreja; como me sinto grata de que não me deixassem permanecer assim para sempre! Fico imaginando quantas moças inativas estarão esperando que nós as convidemos a voltar para a Igreja. O Presidente Harold B. Lee disse, certa vez: “Aquilo que você tem a dar, pode ser o suficiente.” Sei, através de experiência pessoal que, às vezes, isto realmente não precisa ser muito.

A ESCOLHA DE PRIORIDADES ETERNAS

Bispo Victor L. Brown

Há vários anos, em Osaka, Japão, recebi um telefonema de um dos oficiais japoneses da Igreja, solicitando uma entrevista. Convidei-o a vir ao meu hotel, e ali conversei com um dos jovens mais inteligentes e eloqüentes que já conheci.

Havia estudado em universidade e se formado em um campo especial da ciência; trabalhava numa corporação estável e conservadora. Um de seus colegas de



escola, que fora um dos melhores alunos no mesmo campo, era funcionário de uma firma jovem e progressista, em Tóquio. Por várias vezes, nos últimos meses, esse colega tentara convencer seu amigo a mudar de emprego. Um dos vice-presidentes da firma em Tóquio entrou em contato com o membro da Igreja, dizendo que ele poderia determinar seu próprio salário, três ou quatro vezes maior do que estava ganhando.

A resposta foi: "Se houver a menor dúvida na mente dos dirigentes de minha igreja quanto a minha saída de Osaka, que exigiria minha desobrigação de meu

É claro que, ao determinar prioridades, precisamos estabelecer objetivos. Então, o estabelecimento de prioridades nos ajuda a alcançarmos nossas metas.

Estabelecer prioridades, e depois examiná-las para ver se não nos estamos desencaminhando, é uma das lições mais valiosas que podemos aprender.

cargo na Igreja, não me importa quanto me ofereçam, não estou interessado em sua proposta." O vice-presidente retrucou: "Não sou cristão. Nada sei sobre sua igreja, mas você é o tipo de homem que desejo em minha organização."

Será que deveria mudar-se de Osaka para Tóquio, que exigiria sua desobrigação de seu cargo na Igreja? É claro que sim, assegurei-lhe que poderia servir ao Senhor tanto em Tóquio como em Osaka.

Ele se mudou para Tóquio. Mais tarde, enquanto visitava a cidade, recebi outro chamado do mesmo homem. Tivemos

uma longa conversa. Fizera grande sucesso. Aumentara suas experiências e era no momento um consultor ensinando o pessoal da alta administração em grandes corporações a gerenciar suas companhias. Seu tempo era muito solicitado. Ganhava muito, mas estava negligenciando seu trabalho na Igreja e suas responsabilidades familiares.

Eu lhe disse que não lhe indicaria o que fazer, mas havia uma escritura que lhe mostraria se estava realmente convertido: "Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mat. 6:33.) Senti que essa escritura pode ter causado certo antagonismo; no entanto, despedimo-nos como bons amigos.

Algumas semanas depois de eu ter voltado para casa, recebi dele uma carta. Dizia que pusera em ordem suas prioridades. Demitira-se da companhia. Sua primeira prioridade agora seria a família e a Igreja, e a segunda prioridade, o emprego. Estabelecer prioridades e depois examiná-las para ver se não nos estamos desencaminhando, é uma das lições mais valiosas que podemos aprender.

É claro que, ao determinar prioridades, precisamos estabelecer objetivos. Então, o estabelecimento de prioridades nos ajuda a alcançarmos nossas metas. Pode ser que vocês tenham ouvido falar no piloto que anunciou a seus passageiros que tinha algumas notícias boas e algumas ruins. A boa era: "Estamos viajando a 965 quilômetros por hora." E a ruim: "Estamos perdidos." Suponho que seu objetivo era chegar ao seu destino. Mas suas prioridades estavam confusas. Muitas pessoas têm o mesmo problema.

Recentemente, uma bonita moça veio ao meu escritório com seus pais. Ela era de boa família, mas se desencaminhou e se encontrava, agora, em séria dificuldade. Era solteira e esperava um filho; desejava saber o que fazer. Meu coração condoeu-se. Acho que ela amava o Senhor.

Havia-se esquecido de que aqueles que amam ao Senhor mantêm-se em contato com ele e guardam seus mandamentos. Ela conseguiu controlar suas emoções até que lhe perguntei se fazia suas orações. Então, começou a chorar.

Como é importante que nos comuniquemos diariamente, e com mais freqüência, se necessário, com nosso Pai Celestial. Ele sempre nos ama, sejamos bons ou ruins. Mas, se desejarmos que nos abençoe, é necessário que tomemos a iniciativa.

Na primeira quinta-feira de cada mês, as Autoridades Gerais reúnem-se na sala superior do Templo do Lago Salgado, sob a direção da Primeira Presidência. Uma das experiências mais inspiradoras associadas a esta reunião é, para mim, observar três quadros que apresentam acontecimentos da vida do Salvador. Eles ficam na parede, logo acima dos lugares da Primeira Presidência. Um deles mostra o Salvador nas praias do Mar da Galiléia. Outro apresenta-o na cruz. O terceiro mostra-o logo depois de se haver levantado do túmulo. Este último é o que mais me chama a atenção.

O artista retratou o que visualizo como os sentimentos de alguém na presença do Senhor ressuscitado. O Salvador está de pé, alto e ereto, olhando com um sorriso, para o rosto de uma encantadora mulher, mais abaixo. Ela está ajoelhada reverentemente diante dele, fitando-o com uma expressão reverente.

Para mim, estar digno de ser recebido pelo Salvador, bem poderia ser a principal prioridade de todo homem e mulher santo dos últimos dias.

É claro que paralelo a este, estaria o objetivo do casamento no templo e o de tornar-se um digno progenitor em Sião. O estabelecimento de uma família digna e eterna é nossa responsabilidade mais importante. O Senhor ordenou que nos multiplicemos e enchamos a terra. Ele disse também: "Eis que os filhos são heran-



ça do Senhor... bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava." (Sal. 127:3, 5.)

Existem na sociedade de hoje algumas vozes estridentes que ensinam lições vindas do próprio Satanás. Dizem que o casamento não é necessário para um homem e uma mulher viverem juntos; que as relações sexuais fora do casamento fazem parte de relacionamentos normais e aceitáveis; que em caso de casamento o casal não deve ter mais de dois filhos, ou melhor ainda, nenhum.

A filha de uma de nossas ótimas famílias da Igreja, anunciou recentemente aos pais que não teria filhos, e que ficava encabulada com o tamanho da família da qual fazia parte. A família tem quatro filhos, e ela disse aos pais que é melhor



que não tenham mais nenhum. No entanto, o Senhor disse: “Os filhos são herança do Senhor.” Não estou certo de que o Senhor tenha determinado quando um casal já encheu “deles a sua aljava.”

Alguns de vocês iniciarão famílias dentro de poucos anos — nunca na vida terão uma responsabilidade mais importante do que a de criar uma família digna.

Outra prioridade que encabeça a lista é melhor descrita na frase inicial do hino “Escuta ao Profeta”. Que bênção maravilhosa é termos um profeta vivo na terra hoje em dia, alguém que fala com o Senhor. Quando ele nos fala como profeta, é como se o Senhor mesmo estivesse falando. Portanto, é essencial que tenhamos a coragem de obedecer. Se o ouvimos e não lhe obedecemos, de que vale ouvir?

Uma das grandes lições sobre obediência encontra-se em II Reis, 5:1-14:

“E Naamã, chefe do exército do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor, e de muito respeito; porque por ele o Senhor dera livramento aos siros: e era este varão homem valoroso, porém leproso.”

O rei da Síria enviou Naamã ao rei de Israel, pensando que poderia curá-lo da lepra, o que não acontecia. Eliseu ouviu falar da preocupação do rei e sugeriu que Naamã fosse ter com ele, Eliseu.

“Veio pois Naamã com os seus cavalos, e com o seu carro, e parou à porta da casa de Eliseu.

“Então Eliseu lhe mandou um mensageiro, dizendo: Vai, e lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne te tornará, e ficarás purificado.”

Naamã ficou indignado pela resposta ter sido tão simples. Achou que isto estava abaixo da sua importância e afastou-se encolerizado.

“Então chegaram-se a ele seus servos, e lhe falaram, e disseram: Meu pai, se o profeta lhe dissera alguma grande coisa, porventura não a farias? Quanto mais, dizendo-te ele: Lava-te, e ficarás purificado.”

“Então desceu, e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus: e a sua carne tornou, como a carne dum menino, e ficou purificado.”

Até mesmo o Salvador aprendeu a ser obediente:

“Ainda que era filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.

“E, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem.” (Heb. 5:8-9.)

Certamente a obediência é um objetivo digno e deve ser uma alta prioridade na vida.

Parece não haver fim para as prioridades, e elas todas parecem ser muito importantes; no entanto, muitas delas podem ser trabalhadas simultaneamente. Uma delas é o serviço, conforme ensinada pelo Salvador no evangelho de Lucas:

“E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

“E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês?

“E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus... de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao próximo como a ti mesmo.

“E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso, e viverás.

“Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?”

Jesus falou então sobre o Bom Samaritano que encontrou um homem roubado e ferido. Um sacerdote e um levita já haviam passado pela vítima. O Samaritano cuidou de suas necessidades. Então, Jesus perguntou ao jovem advogado:

“Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?

“E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai, e faze da mesma maneira.” (Lucas 10:25-29, 36-37.)

O serviço ao gênero humano deveria ser uma característica da vida de um verdadeiro santo dos últimos dias. Existem muitos outros princípios que também devem ser lembrados ao estabelecermos prioridades, e embora não possam ser enumerados aqui, certamente o sacrifício é um deles.

Vocês devem lembrar-se da história, das escrituras, de um jovem príncipe que obedecia a todos os mandamentos, mas

que não conseguia abrir mão de suas riquezas.

“E quando Jesus ouviu isto, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres, e terá um tesouro no céu; vem, e segue-me.

“Mas, ouvindo ele isto, ficou muito triste, porque era muito rico.

“E, vendo Jesus que ele ficara muito triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!” (Lucas 18:22-24.)

Aqueles que pagam seu dízimo, ofertas de jejum, manutenção e orçamento da ala, e tudo o que lhes é pedido, estão-se

Que bênção maravilhosa é termos um profeta vivo na terra hoje em dia, alguém que fala com o Senhor. Quando ele nos fala como profeta, é como se o Senhor mesmo estivesse falando. Portanto, é essencial que tenhamos a coragem de obedecer. Se o ouvimos e não lhe obedecemos, de que vale ouvir?

preparando para viver a lei da consagração. Estou convencido de que logo que estivermos preparados, essa grande lei nos será dada.

Existem os que estão prontos agora, mas não o suficiente. Conheço uma adorável senhora que está pronta. Ela ficou ferida em um acidente que ceifou a vida de seu marido, deixando-a viúva pela segunda vez, ainda jovem. Nem se recobrou completamente do infortúnio e já tinha filhos pequenos para criar. No entanto, pagou o dízimo do seguro recebido pela morte do marido. O secretário

disse ao bispo: "A Irmã Tal-e-Tal precisa muito mais deste dinheiro do que a Igreja. Você não acha que deveríamos devolvê-lo?"

O bispo me consultou. Respondi à sua pergunta com outra pergunta: "Do que a Irmã Tal-e-Tal precisa mais do que das bênçãos advindas do pagamento do dízimo?" Imaginem como o Senhor não abrirá as janelas do céu para essa jovem mãe, por causa de sua fé e devoção.

Quando penso em toda a energia da juventude da Igreja, e a importância de que essa energia seja dirigida apropriadamente para os desejos retos, meu coração transborda.

Sei que Deus vive. Isto o sei sem sombra de dúvida. Sei que Jesus Cristo é o Filho de Deus, e que ele e o Pai apareceram a Joseph Smith — um rapaz de 14 anos. Sei que durante muitos anos depois daquela grande visão, Joseph estudou e orou, e foi ensinado e treinado para sua missão. Não aconteceu simplesmente, da mesma forma como não vai simplesmente acontecer a vocês. Temos que treinar e aprender a como nos disciplinarmos se desejamos atingir o propósito mais pleno de nossa criação.

As prioridades são a chave, e a maior de todas as prioridades, acima de tudo o mais, é buscar primeiro o reino de Deus.

Reorganizada a Presidência do Quorum dos Setenta



Franklin D. Richards



J. Thomas Fyfe



Neal A. Maxwell



Carlos E. Asay



M. Russell Ballard, Jr.



Dean L. Larsen



Royden G. Derrick

A reorganização da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta foi anunciada em 22 de fevereiro de 1980 pela Primeira Presidência.

A reorganização irá estreitar e fortalecer as linhas de autoridade e administração da sede da Igreja, incluindo os diretores executivos dos Departamentos: Missionário, Currículo, Sacerdócio e de Genealogia como membros da presidência do quorum.

Isto originou a desobrigação da presidência e transferência de quatro dos membros que têm servido desde que a Presidência do Quorum foi organizada, em outubro de 1976.

Foram chamados como novos membros da presidência:

— Élder Carlos E. Asay, Diretor Executivo do Departamento Missionário.

— Élder M. Russel Ballard Jr., Diretor Executivo do Departamento de Currículo.

— Élder Dean L. Larsen, Diretor Executivo do Departamento do Sacerdócio.

— Élder Royden G. Derrick, Diretor Executivo do Departamento de Genealogia.

Foram desobrigados e transferidos para outras funções como membros do quorum:

— Élder A. Theodore Tuttle, que está servindo agora como Presidente do Templo de Provo.

— Élder Marion D. Hanks, que foi indicado para substituir Élder Jacob de Jager como Administrador Executivo da Área Filipinas-Sudeste, com sede em Hong Kong, a partir de 1.º de julho. O Élder de Jager voltará para a Cidade do Lago Salgado.

— Élder Paul H. Dunn, que foi indicado para substituir Élder Ro-

bert L. Simpson como Administrador Executivo da Área Utah-Cidade do Lago Salgado. O Élder Simpson foi recentemente designado Presidente do Templo de Los Angeles.

— Élder W. Grant Bangerter, que foi indicado Administrador Executivo da nova Área Sul-Utah-Cidade do Lago Salgado.

Continuam servindo como membros da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, Élder Franklin D. Richards, Élder J. Thomas Fyans e Élder Neal A. Maxwell todos apoiados em suas presentes posições em 1.º de outubro de 1976.

Em adição às mudanças afetando os membros da presidência, a Primeira Presidência também anunciou outras mudanças em designações relativas a membros do Quorum. Elas são:

— Élder Robert D. Hales, indicado para substituir o Élder Theodore M. Burton como Administrador Executivo da Área da Europa, a partir de 1.º de julho. Nesta época o Élder Burton irá retornar para a Cidade do Lago Salgado para assumir outras responsabilidades na Igreja.

— Élder James M. Paramore, que foi nomeado para substituir o Élder Hales como Administrador Executivo da Área Europa Oeste, a partir de 1.º de julho.

— Élder F. Enzo Busche, chamado como Administrador Executivo da Área do Nordeste, substituindo o Élder Paramore, a partir de 1.º de julho.

Os membros do Primeiro Quorum dos Setenta, sob a direção do Conselho dos Doze, são responsáveis por “edificar e regularizar todos os negócios da Igreja em todas as nações”, de acordo com a doutrina da Igreja.



